

O "ABRE-ALAS" DO MOVIMENTO  
DE MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL.  
1910-1990

*The "Clear the Way" of the Women's Movement in  
Rio Grande do Sul 1910-1990*

Sonia Bressan Vieira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho esboçamos o alicerce do Movimento de Mulheres no Estado e localizamos aquelas que "abriram alas" para o feminismo gaúcho. Localizamos *alguns grupos originários* do Movimento, com destaque para *Grupos Feministas* iniciais que se auto proclamaram como tal e que hoje não estão mais em atividade, embora suas integrantes continuem, em sua maioria, atuando como "feministas" em outras Organizações no Estado. Mencionamos também, grupos formados por mulheres *sem* a característica "*feministas*", os quais denominamos "*feminino*" e cuja data de fundação é *anterior* e/ou *paralela* a esses grupos feministas; encontramos ainda, grupos de *trabalhadoras* ligadas a *sindicatos* e à questão da *terra*, os quais situamos no contexto do Movimento de Mulheres. Na construção da pesquisa servimo-nos, preponderantemente, de notícias de jornais da época e de depoimentos de mulheres que integraram as Organizações

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela UNISINOS/RS. Coordenadora do Curso de História e Professora dos Cursos de História e Pedagogia na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Extensão de São Luiz Gonzaga.

feministas no Estado. A realidade confirmou grupos de mulheres desde as primeiras décadas do século XX. Organizadas, se revestiram de características “*femininas*” e não propriamente “*feministas*”; porém, no final dos anos 60 – início da década de 70, emergiram grupos que se assumiram “*feministas*”.

PALAVRAS-CHAVE: Poder, Gênero, Organização

**ABSTRACT:** In this research we sketched the foundation of the Movement of Women in the State, the natural consequence of the Movement of Women in Brazil and in the world as well as we located those that “cleared way” for the feminism in Rio Grande do Sul and constituted the first Organizations of this movement. We analyzed at first, some original groups of the Movement of Women in the state, with prominence for initial Feminist Groups that were solemnity-proclaimed as such and that today are not in activity, although its members continue, in majority, acting as “feminists” in other Organizations in the State. We also mentioned, groups formed by women without the “feminist” characteristic, which we denominated “feminine”, whose foundation date is previous and/or parallel to those feminist group; we have still found workers’ groups linked to unions and the subject of the land, which we placed in the context of the Movement of Women. In the construction of the research we served ourselves, mostly, of news of newspapers of the time and women’s depositions who integraed the feminist Organization in the State. The reality confirms women’s groups since the first decades of the twenty century. They were organized, they were covered of “feminine” characteristics but not properly “feminist”; however, at the end of the sixties – beginning of the decade of the seventies, groups which assumed they were “feminists” emerged.

KEY-WORDS: Power, gender, organization.

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, nosso esforço foi no sentido de responder à questão colocada por Michel Foucault “... é como reivindicação de sua especificidade sexual que os movimentos feministas aparecem no século XIX. Para chegar a quê?”<sup>2</sup>. Esta questão e a observação de atitudes e falas de mulheres líderes de Organizações, bem como a análise e reflexão sobre o surgimento e identificação das mesmas, no período de 1910-1990, constituíram-se na razão pela qual teorizamos o gênero feminino, neste estudo.

A pesquisa desenvolveu-se alicerçada num referencial teórico a partir dos conceitos de *organização*, *poder* e *gênero* como categoria analítica resultante da construção social, envolvendo um pensamento plural sobre as representações sociais, num contexto de história do *Tempo Presente* utilizando a *História Oral* como suporte metodológico e como forma e meio de uma aproximação maior com a realidade.

Considerando a visão foucaultiana de *poder* – explícita na idéia de que – “(...) Se a mulher fala e é falada, é porque ela, como os ‘homens infames’, de algum modo se confronta com o poder. Não um poder que somente desmantela, vigia, surpreende, ou proíbe e cerceia; mas um poder que suscita, incita e produz, um poder que ‘não é apenas olho e ouvido’, sobretudo faz agir e falar”, alicerçamos este trabalho.<sup>3</sup>

Assim, para analisar as múltiplas Organizações, nos servimos das concepções de *poder* de Foucault que, em sua *História da Sexualidade I*<sup>4</sup>, argumenta:

Não se deve descrever a sexualidade, como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, 1979, p.268.

<sup>3</sup> FOUCAULT, 1992, p.123.

<sup>4</sup> FOUCAULT, 1988, p.98.

jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.

O autor analisa o poder sobre a vida, que se desenvolve a partir de processos biológicos que tornam possível a existência de poderes reguladores. Assim, concebe o deslocando-o do verticalismo e autoritarismo de governantes, para o social. O poder, como decorrente de *relações*.

Outro conceito, que trabalhamos em consonância com o de *poder*, é o da categoria *gênero*, visto na perspectiva de uma construção social e histórica. Do termo *mulheres* como segmento do homem, passou-se à condição de *gênero* – espaço no qual tentamos situar o avanço da condição de mulher, num contexto de mundo, onde o gênero flui na historiografia como *nova abordagem*, objeto de construções teóricas passíveis de visibilidade histórica. O conceito de *gênero* traduz uma postura que vem se desenvolvendo nas últimas décadas por teóricos de várias áreas.

Scott<sup>5</sup>, em texto que foi uma referência de estudo no Brasil, considera que,

(...) na sua utilização recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Os livros e artigos de todos os tipos que tinham como assunto a história das Mulheres substituíram, nos últimos anos, nos seus títulos o termo “mulheres” por “gênero”. Em certos casos, mesmo se esta utilização se refere vagamente a certos conceitos, ela visa de fato fazer reconhecer este campo de pesquisa. Nestas circunstâncias, o uso do termo “gênero” visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho, pois “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”.

---

<sup>5</sup> Especialista do Movimento Operário do século XIX e da História do Feminismo na França.

O “gênero” parece se integrar na terminologia científica das Ciências Sociais e, então, se dissociar da política (pretensamente ruidosa) do feminismo.<sup>6</sup>

Com estas ponderações a autora elucida a conotação do termo “gênero” como não relacionada a um significado ou posicionamento sobre a questão da desigualdade, ou de poder, ao passo que, o uso do termo “*História das Mulheres*” expressa um posicionamento político dirigido às mulheres, como portadoras de uma história. Já o termo “gênero” dá visibilidade à mulher, sem ser uma “ameaça”. Além deste aspecto, que dá ao feminismo uma legitimidade institucional (especialmente nos anos 80), também faz referência a “gênero” como relações entre os sexos, rejeitando as explicações biológicas e indicando uma maneira de “construção social” sendo, portanto, um termo particularmente “útil”.

## **1 DA VOZ ISOLADA AO GRITO COLETIVO DO PRESENTE**

A trajetória inicial da organização das mulheres gaúchas tem suas origens no Movimento de Mulheres no Brasil e no restante do mundo. Mobilizadas, passaram a ser vistas como uma categoria social com visibilidade e possibilidades históricas, trazendo consigo a certeza de que a história teria que ser reescrita e refeita.

Neste texto que reconstrói nuances da trajetória inicial da organização das mulheres gaúchas enfocando apenas as Organizações que foram instituídas até a década de 80 do século XX – extintas e, em atividade, tivemos que ampliar nossas buscas. As fontes que subsidiaram nossa pesquisa representam uma forma peculiar e diferenciada devido as suas características. Utilizamos, basicamente, fontes orais, e escritos, tais como *folders, cartilhas, anotações de arquivos, notícias de jornais, estatutos, regimentos, cartazes, folhetos, fotos, atas, registros documentais, objetos, publicações várias*, oriundas das Organizações que íamos tomando conhecimento

---

<sup>6</sup> SCOOT, 1992, p.7.

além de *depoimentos* de algumas das mulheres precursoras, testemunhas vivas, atoras, carinhosamente denominadas neste trabalho de “*Dinossauras*”. Algumas destas que “abriram alas” para o Movimento de Mulheres no Estado, nas décadas em estudo, foram *Enid Backes, Lícia Perez, Zulmira Cauduro, Giselda de Castro, Magda Renner, Suzana Albornoz*, as quais, entre tantas outras, levantaram bandeiras, “feministas” ou não, numa direção única, a cidadania da mulher gaúcha. Além dos depoimentos orais, nos foram valiosas as consultas no *Acervo Carmem da Silva*, localizado em Porto Alegre/RS.

Constatamos que foi o Movimento Feminista nos anos 60, inicialmente nos Estados Unidos, que impulsionou os estudos sobre a mulher e o Movimento de Mulheres no Rio Grande do Sul influenciado também por *mecanismos* traduzidos nas *conferências mundiais e encontros nacionais, internacionais*. O Movimento de Mulheres no Rio Grande do Sul e o Movimento de Mulheres no Brasil são espelhos de uma mesma face, pois este último, ao lado do Movimento de Mulheres no restante do mundo, contribuiu com a História das Mulheres gaúchas, no sentido de que mexeu com o antagonismo *homem x mulher*.

Na fase inicial do Movimento de Mulheres do Rio Grande do Sul, encontramos doze Organizações que *não estão mais em atividade*, mas que tiveram significativa repercussão naquele período embrionário de organização, um verdadeiro alicerce do presente organizado. Encontramos também Organizações que iniciaram na primeira metade do século XX e que *continuam em atividade*, neste início de século XXI.

Uma presença maior das Organizações de Mulheres no Rio Grande do Sul, a exemplo do Brasil, aconteceu na segunda metade do século XX, quando testemunhamos o crescimento das mulheres nos diferentes setores profissionais e sua crescente afirmação nos mais variados serviços.

Buscando uma análise breve e cronológica, pois não é o objetivo deste trabalho aprofundar o estudo da *história* do Movimento de Mulheres no Estado, constatou-se que todo este movimento inicia com mais vigor no Rio Grande do Sul, a partir de 1975 (apesar de que, em décadas anteriores, existiram mulheres organizadas, embora sem o rótulo

do “Feminismo”). Constatou-se ainda, que ele adquiriu novas características a partir da década de 80 – por ocasião do *Movimento pela Anistia* e de retomada das eleições no país, momento em que se intensifica a criação dessas Organizações de Mulheres, não apenas as de características exclusivamente *Feministas*, como também, as atreladas a *Partidos Políticos, Sindicatos, Universidades, Meio Ambiente, Terra* etc. – muitas das quais, perduram até este início de milênio.

O Movimento de Mulheres no Rio Grande do Sul acompanhou em sua trajetória os mesmos passos do movimento, em nível de país, como observamos a seguir.

## **2 AQUELAS... QUE ABRIRAM ALAS PARA O FEMINISMO/ FEMININO GAÚCHO**

“Feministas” ou “Femininas”... o que importa é iniciar a organização. Além dos grupos chamados “*Feministas*”, o movimento que envolveu mulheres organizadas no Estado, contou com Organizações que não se consideraram como tal, mas que trabalharam o *Feminino*, bem como questões e reivindicações de “*Cidadania*”.

Encontramos neste período e até em períodos anteriores aos dos grupos “*Feministas*” outros Grupos do Movimento de Mulheres – pioneiros e precursores no Estado, que tiveram origem no esforço de mulheres na busca da organização e que são lembrados neste trabalho sem no entanto aprofundá-los, devido à exigüidade do espaço.

Tendo como parâmetro a ordem *cronológica* de criação, apenas mencionamos estes grupos pioneiros da primeira década do século XX e das décadas de 40, 50, 60, 70 e 80 do século passado, que reuniam mulheres donas-de-casa, clubes de mães, pastorais de igrejas, literatas, universitárias etc. (com preocupação, entre outras, com assuntos direcionados às letras, saúde, igreja, abastecimento de água e luz, custo de vida etc.).

## 2.1 PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX – 1910-1960 – OS PRIMEIROS ANÓS DA TEIA

Na primeira década do século XX, em 1910, foi instalada a *Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas – OASE* (ROTH e MALSCHITZY, 25/10/2001); na década de 40, num contexto de guerra mundial, situamos em 12 de abril de 1943, a criação da *Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul* (HAENSEL, 03/04/2001). Nesta primeira metade do século XX, o Rio Grande viu nascer outras importantes entidades como a *Federação das Bandeirantes do Brasil*, em 13 de agosto de 1944 (RODRIGUES, 18/05/2001), o *Departamento de Mulheres da Federação dos Trabalhadores no Comércio do Estado do Rio Grande do Sul – FECOSUL*, em 27 de novembro de 1944 (KICH, 18/05/2001) e o *Centro dos Professores Estaduais do Rio Grande do Sul – CPERS*, em 25 de abril de 1945 (MICHIELIN, 2001).

Na década de 50 do século em questão, o Movimento de Mulheres Gaúcho assistiu a formação de uma Liga de Mulheres – a *Liga Feminina de Combate ao Câncer* – fundada em 30 de abril de 1954, em Porto Alegre (CASTRO, 23/12/2000). A *Soroptimista Internacional de Porto Alegre* foi fundada em 1957 (CAVALHEIRO, 05/06/2001). Neste mesmo ano, em 30 de novembro, o Estado viu surgir outra importante Organização, de caráter Religioso – a *Associação Cristã Feminina – ACF* (FUCHS, 23/10/2001).

Logo após, na década de 60, em setembro de 1963, o Movimento foi acrescido com a criação da *Associação Porto-Alegrense de Cidadãs – ASPACI* (CAVALHEIRO e VELOSO, 05/06/2001). Salientamos ainda o Movimento Feminino – que surgiu em 1964, liderado por *Magda Renner e Giselda Castro* – a *Ação Democrática Feminina Gaúcha – ADFG<sup>7</sup>*, objetivando promover a cidadania atuante e conjugando esforços para a melhoria da qualidade de vida e o aprimoramento do processo democrático (RENNER e CASTRO, 22/03/2001).

---

<sup>7</sup>A partir de 1982 – *Ação Democrática Feminina Gaúcha – Amigos da Terra/Brasil* e após 1998 – *Núcleo Amigos da Terra/Brasil/RS*.

Em 23 de março de 1966 é criado o *Conselho Geral do Clube de Mães* (GALARÇA, 27/11/2000) e em 1968, o Movimento de Mulheres, no Estado, se viu fortalecido pela *Associação das Secretárias do Rio Grande do Sul – ASERGS*<sup>8</sup> (MARTINS, 29/05/2001). Foi, na época, a primeira Associação do gênero do país, como Entidade Civil, que reunia a categoria e realizava eventos culturais. Da mesma forma, permanece até os dias atuais.

## 2.2 DÉCADA DE 70 – O ABRE-ALAS PARA O FEMINISMO GAÚCHO

Foi no decorrer da década de 70 que *Grupos Feministas Gaúchos* surgiram no Estado, *abriram alas*, e levantaram bandeiras envolvendo dois tipos de discussões e debates, conforme informações de uma das articuladoras – *Enid Backes*. Por um lado, enfatiza Backes (19/03/2001) “havia a luta dita *geral* – das mulheres que defendiam, que o Movimento Feminista deveria ser completamente desvinculado do Estado”, onde a preocupação dos debates e reflexões era a participação da mulher no contexto social mais amplo, de dominação e opressão na sociedade de classes, com envolvimento em questões políticas e possibilidades de mudanças nesta sociedade, como por exemplo, a questão da Constituinte.

Por outro lado, complementa Backes (2001), havia também “grupos feministas que defendiam a *autonomia* do movimento, embora entendessem que em *momentos pontuais*, deveriam fazer *parceria com o Estado* – facção que originou os *Conselhos Estaduais, Municipais e Nacionais*, com destacada atuação, no momento da Constituinte”. “O movimento sempre teve altos e baixos”, diz a informante; a corrente que defendia a *autonomia* do movimento dedicou-se a questões *específicas* do universo da mulher tais como: aborto, anticoncepção, sexualidade, homossexualismo etc.

Entre os grupos *Feministas* no Rio Grande do Sul, salientamos

---

<sup>8</sup>A partir de 1987 transformou-se em *Sindicato das Secretárias e Secretários no Estado do Rio Grande do Sul*.

o *Grupo de Mulheres de Porto Alegre – GMPPA ou Costela de Adão*, criado em 1976 (não mais em atividade) – precursor do Feminismo no Estado. Considerado o mais antigo dos grupos Feministas de Porto Alegre, era também visto como bastante radical. Um periódico da época salientou a opinião do grupo que dizia “estar envolvido em tantos preconceitos e pré-julgamentos e provocar uma aversão tão grande, às vezes até em pessoas, aparentemente abertas”. (...) “O Feminismo é o Movimento Social, que encontra maior resistência” de acordo com Pletsch (Correio do Povo, 1979, p.4). A nomeação “*Costela de Adão*” foi dada, segundo as integrantes, em homenagem “àquele que deu, voluntariamente, sua costela”. No ano de 1977, o grupo se dispersou, só voltando a agir em 1979, com vistas ao *I Encontro Nacional de Mulheres* que se realizou no Rio.

O grupo “Costela de Adão” não permaneceu unido, gerando uma nova tendência que se constituiu no *Movimento da Mulher pela Libertação – MML* (início de 1979), o qual mais tarde também se desmembrou, originando o *Grupo Ação Mulher* no final de 1979 (ALBORNOZ, 18/05/2001) e que se constituiu numa terceira facção do Movimento Feminista gaúcho – ambos com uma preocupação maior com o envolvimento *Político* da mulher.

Na década de 70 e início de 80, do século XX, o Rio Grande do Sul contou ainda, com dois movimentos de mulheres, peculiares, cujas informações importantes nos foram dadas por *Zulmira Guimarães Cauduro* (CAUDURO, 30/03/2001). Um deles foi o Movimento que participou de um momento histórico do país – o *Movimento Feminino pela Anistia* – liderado no País por *Therezinha Zerbini*. Esclarece ainda, que as idéias de *Zerbini* no Rio Grande, contou com mulheres “como a baiana que iniciou o *Movimento Feminino Brasileiro pela Anistia* – a socióloga *Lícia Peres*”, que foi também a 1ª Presidente do Movimento pela Anistia, no Rio Grande do Sul, e em depoimento relata que,

nos anos 70 o Feminismo ganhou as ruas em Porto Alegre como em outras partes do Brasil; um grupo de mulheres começou a ler sobre dupla jornada de trabalho da mulher, luta geral dos trabalhadores por

creches, sexualidade etc., protestaram contra essas questões através de passeatas, manifestações sobre tudo o que acontecia em relação à mulher. No Ano Internacional da Mulher – 1975; quando da realização da 1ª *Conferência Internacional da Mulher* realizada no México, o Rio Grande do Sul foi o 2º *Núcleo Nacional pela Anistia*, sob a liderança de *Terezinha Zerbini* (LÍCIA PERES, 2001).

Ao lado do *Movimento pela Anistia*, existiu no Estado outro Movimento que envolveu as mulheres (donas de casa, mães, profissionais etc.), com início em torno de 1978 – o *Movimento contra a Carestia* – que já vigorava desde o ano anterior no Brasil, com o objetivo de lutar contra os altos custos de vida, conforme já referido. Clubes de Mães, Associações de Bairros, Comunidades de Base, Pastorais de Igreja, foram canais atuantes deste movimento, que trabalhou em parceria com outros Movimentos Sociais da época. Marcou a atuação deste grupo, a grande *Passeata* realizada no centro de Porto Alegre, no ano de 1980, que foi denominada “*Panela Vazia*”.

Cabe ressaltar que nesta década de 70 verificou-se também que houve no início do Movimento de Mulheres do Rio Grande do Sul, grupos que se organizaram *em função de seu trabalho e profissão*, ligados aos *Sindicatos* que buscaram se agrupar em defesa de seus interesses e que realizaram significativas ações como as *Mulheres Trabalhadoras no Vestuário*, que lutavam por um salário equiparado ao dos homens, a melhoria da situação da mulher na fábrica, na família e na sociedade, entre outras causas específicas, tendo realizado em 1979, uma greve que reuniu em Porto Alegre em torno de 6 mil mulheres nas ruas. Os Professores Públicos Estaduais (em sua maioria mulheres), através do *Centro de Professores Estaduais do Rio Grande do Sul – CPERS*, realizou em 1979, uma greve de grande expressão, devido à abrangência da mesma. Neste mesmo ano, um outro sindicato que envolvia mulheres entrou em greve – as mulheres ligadas à *fiação e tecelagem*. Também localizamos ações das *Mulheres Trabalhadoras do Sindicato dos Sapateiros e do Sindicato dos Metalúrgicos de Novo Hamburgo*, que realizaram o *Iº Congresso da Mulher*

*Metalúrgica*, em Porto Alegre. Com estes movimentos, a categoria de mulheres operárias, até então caracterizada pela fragilidade, adquire uma experiência de enfrentamento e ação nas lutas reivindicatórias por melhores salários e melhores condições de trabalho.

Em 22 de junho de 1979 surgiu a Associação Brasileira de Diplomadas Universitária – ABDU (PEREIRA, 02/05/2001).

No ano de 1980, foi comemorado o 08 de março em Porto Alegre, com apoio de diversos setores, com debates do *Sindicato dos Vestuários* sobre Mulher e Educação, Trabalho, Participação Política, reunindo em torno de 500 mulheres nos dias 7, 8 e 9 de março, e buscando a unificação do Grupo Feminista de Mulheres, que na época eram três, em Porto Alegre, cada um com uma visão de Feminismo – o Costela de Adão, o Movimento da Mulher pela Libertação – MML, e o Ação Mulher conforme Fonseca (Zero Hora, 16/03/1980, p.28).

O Grupo *Liberta* foi outro grupo Feminista que surgiu na época, em 08 de março de 1980. Ele surgiu com o objetivo de levar a discussão sobre a mulher ao meio estudantil, especialmente o universitário, após uma comemoração, em que se reuniram várias organizações Sindicais.

Ainda na década de 70, o cenário das Organizações de Mulheres gaúchas foi acrescido da *Organização de Mulheres da Central Autônoma de Trabalhadoras* OM-CAT – criada em meados de 1980 (SANGALLI, 06/06/2001) da mesma forma que a *Pastoral da Mulher Pobre – Rede Mística Feminina* (ALFONSIN, 15/05/2001).

### **2.3 DÉCADA DE 80 – AS ORGANIZAÇÕES MULTIPLICAM-SE NO ESTADO**

A década de 80 foi cenário do surgimento de várias Organizações femininas no Estado. Paralelo a estes Movimentos, na década de 80, as *Mulheres Camponesas* também começam a organizar-se, estando entre as pioneiras a estruturar-se em movimento no Estado, destacando-se como uma das Organizações mais relevantes dos movimentos sociais, superando a organização da mulher urbana.

Várias ações implantaram o *Movimento de Mulheres*

*Trabalhadoras Rurais* no Estado, sendo um dos marcos iniciais o *I Encontro da Mulher da Zona Rural de Passo Fundo*, em 31 de maio de 1982, reivindicando Direito à Previdência, Aposentadoria, Direito à Sindicalização, Licença Gestante etc. (Zero Hora, 31/05/1982, p.40).

Citamos, entre as primeiras Organizações de *Mulheres Trabalhadoras Rurais*: a *Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais da FETAG*, criada em 1981 (BAUGARTEN, 22/03/2001); o *Coletivo de Gênero da Secretaria Estadual do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/RS*, fundado em 21 de janeiro de 1984 (TONIN, 20/02/2001). Já o *Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais – MMTR* surgiu em 1992 (RUBENICH, 16/04/2001).

Os *Partidos Políticos* também foram uma forma de implementar a organização das Mulheres. Na década de 70, quando o *bipartidarismo* dominava no país, constatamos que *Dercy Furtado* (1973) e *Ecléa Fernandes Guazzelli* (1975) foram líderes da *Aliança Renovadora Nacional – ARENA* – assim como *Lícia Peres*, uma das lideranças do *Movimento Democrático Brasileiro – MDB*.

Observamos que na década de 80 do século XX, o país passou por um amplo processo de mobilização da sociedade, por ocasião do restabelecimento do *Pluripartidarismo*, que extinguiu o *Bipartidarismo*, no qual o Movimento Feminista foi “infiltrado” nos *Partidos Políticos* que se instalavam, e viam a participação da mulher como alvo a ser perseguido. Os novos Partidos buscaram, nas *Feministas* e nas *Mulheres em Movimento*, importantes aliadas às suas causas. Isto é ratificado quando observamos as datas de formação dos vários Coletivos, Departamentos Femininos etc., criados na época, no Rio Grande do Sul, nos mais diferentes Partidos como: a *Secretaria de Mulheres do PT*, criada pelo *Partido dos Trabalhadores – PT*, em 1980 (CITADIN, 2001); a *Ação Democrática Feminina*, criada em 1980, pelo *Partido Democrático Social – PDS*; a *Ação da Mulher Trabalhista – AMT*, criada em 1981 no *Partido Democrático Trabalhista – PDT* (VECCHIO, 20/02/2001); a *Ação Liberal Feminina (PFL – Mulher)*, criada em 1987 (CUNHA, 18/04/2001). Na década de 90, outros Partidos se organizaram, criando grupos ou

Departamentos, não sendo, porém, objeto de estudo neste trabalho.

Constatamos ainda que o ano de 1981 foi importante na história da Organização de Mulheres Gaúchas, pois em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, ocorreram dois encontros paralelos, promovidos por grupos antagônicos em suas posições: o *I Encontro da Mulher Gaúcha* e o *II Encontro da Mulher Gaúcha*; em agosto ocorreu o *I Congresso da Mulher Gaúcha*.

Ainda no ano de 1981, em 10 de outubro, instalou-se o *SOS Mulher* (não mais em atividade), como uma alternativa de “pronto socorro” psicológico e jurídico às mulheres vítimas de violência. O *SOS Mulher* foi lançado em 10 de outubro de 1981, na rua da Praia, por Feministas que chamaram atenção para a situação de violência sofrida pela Mulher (Zero Hora, 15/11/1981, p.30). Neste ano de 1981, criou-se ainda o grupo *Bruxinhas de Deus* (JUNQUEIRA, jun. 2001). Em 1982 foi instituída a *Federação das Mulheres Gaúchas* no dia 16 de maio (MARANHÃO, 19/03/2001 e PERUSSO, 27/03/2001).

O *Movimento Unitário das Mulheres Gaúchas – MUMG* – surgiu nesta época quando, em 1982, na comemoração do 08 de março, entre múltiplas atividades, discussões, palestras e encontros, as mulheres organizaram a “*Semana do Movimento Unitário da Mulher Gaúcha*” com calendário fixo de atividades.

Encontramos ainda, no meio Acadêmico, entre os grupos formados na época, Núcleos de Estudos, como o *Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher – NIEM* – criado na *Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS*, em 30 de maio de 1984 (PRA, 23/03/2001).

Na segunda metade da década de 80, em 1985, foi agilizado o *Coletivo Estadual de Mulheres da Alimentação RS – CEMA* (GONÇALVES e CÂNDIDO, 30/04/2001) e em 1986, ano em que foi eleita a *Assembléia Nacional Constituinte*, as mulheres gaúchas dedicaram o 08 de março à *Participação da Mulher na Constituinte*, pela defesa de seus direitos, com programação na esquina democrática e lançamento da *Campanha pela Participação da Mulher na Constituinte*. Foi neste ano que foi criado o *Conselho Estadual dos Direitos da Mulher*, em 25 de abril, tendo sido reestruturado em 19/

08/1989 (GARCIA, 19/03/2000). Da mesma forma, instalou-se neste ano de 1986 a *Comissão Estadual sobre a Questão da Mulher Trabalhadora da CUT/RS* (OLIVEIRA, 16/03/2001) além do *Grupo de Mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragem*, criado em outubro desse ano (COSTA, 07/06/2001) e também o *Pró-Mulher LBA*, com a incumbência de assistir a mulher de baixa renda nas áreas da saúde e assistência social.

Em 1987, conforme Miriam Steffen Vieira (2001), o *Grupo Feminista Cora Coralina*, de São Leopoldo, atuou de março de 1987 a outubro de 1989, recebendo esta denominação “*Cora Coralina*” em homenagem à poeta baiana e tendo se formado “Por um novo homem e uma nova mulher”. Ainda nesse ano de 1987 foi criado, no mês de março, o *Maria Mulher* (CARDOSO, 20/03/2001) e em novembro foi lançada a *Associação para o Desenvolvimento da Grande Porto Alegre – Banco da Mulher* (LIMA, 05/01/2001).

Já no ano de 1988, em 20 de abril, o Movimento de Mulheres do RS foi fortalecido com a *Delegacia para a Mulher* de POA-RS (SIMÃO, 16/03/2001). Ainda neste mesmo ano, em 30 de maio, foi criado o *Movimento de Donas de Casa e Consumidores do RS* (MUSSÓI, 17/10/2000). Conforme o texto “*Manifesto às Mulheres de POA*”, uma outra organização da época que destacamos foi a *União de Mulheres de Porto Alegre* – ligada à *União Brasileira de Mulheres* – UBM (CHIAPETA, 14/02/2001). Registramos ainda, em 1988, a criação do *Fórum de Reflexão da Mulher Luterana* (BEULKE, 15/06/2001) e da *Ação Integral da Saúde da Mulher – Coordenadoria da Política de Atenção à Saúde da Mulher – Secretaria Estadual de Saúde – RS* (GORGEN, 15/03/2001). Além destes, ainda encontramos nesta fase inicial da Organização das Mulheres Gaúchas, o grupo Feminista *Germinal*, de Santa Maria (GERMINAL, 18/09 s/ano).

O *Lua Nova* foi outro grupo que surgiu nessa época do movimento, em 08 de março de 1989 (BONUMÁ, 2001). Da mesma forma, neste ano, foram criados: o *Núcleo de Estudos da Prostituição – NEP*, em 08 de novembro (ROVIRA, 09/04/2001); a *Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de POA – AMNPPA* (GONÇALVES, 17/10/2000); o *Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS*

– GAPA (RUTHES, 15/02/2001); o *Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero* – GEERGE – UFRGS (LOURO, 23/03/2001) bem como a *Associação Brasileira de Mulheres de Carreira Jurídica* – ABMCJ (IBIAS, 29/11/2000).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta breve análise da fase inicial do Movimento de Mulheres no Estado, consideramos que as vozes *femininas* ou *feministas*, não raras vezes foram alvo de críticas e de tentativas de desmoralização – consideradas por Blay (Folha de São Paulo, 01/03/1981) “como formas de autoritarismo exercidas pelos meios de comunicação”.

A realidade confirmou que grupos de mulheres surgiram no Rio Grande do Sul desde as primeiras décadas do século XX. Organizadas, se revestiram de características “*femininas*” e não propriamente “*feministas*”; porém, no final dos anos 60 – início da década de 70, emergiram grupos que se assumiram “*Feministas*”. Percebeu-se que alguns não se autoproclamaram “*Feministas*”. Nítido está, no debate entre aquelas que “abriram alas” no Movimento no Estado, a discordância no tocante ao envolvimento com temas *gerais* e/ou as lutas *específicas* da mulher. Mas apesar das divergências, se uniram em *momentos pontuais* (passeatas, atividades, no dia 08 de março), em torno das reivindicações *comuns, específicas e gerais*.

Não se pode negar que a história do início das Organizações de Mulheres no Rio Grande do Sul, acompanhou o cenário político nacional da sociedade brasileira na luta pela democracia e da abertura política.

Os *Partidos Políticos* tiveram significativa influência na manutenção dos grupos, originando, o que é natural, divergências entre as integrantes nos eventos realizados. No início da década de 80, com o restabelecimento das eleições no país e a conquista da Anistia, as feministas foram se dispersando e infiltrando-se nos partidos políticos em formação, bem como em novos agrupamentos que se organizaram.

Em contrapartida, certos grupos tiveram cuidado de não se deixar manipular pelo partidarismo e ideologias políticas, embora alguns

permitissem amplo debate e acesso dos partidos ao seu meio de reflexão.

As reflexões até aqui apresentadas buscaram recuperar o *alicerce do presente, os antecedentes e o como se formaram* as Organizações de Mulheres no Estado – 1910-1990, não adentrando no âmago das Organizações que surgiram no Movimento a partir dos anos 90 do século findo e neste início de século XXI.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1 OBRAS CITADAS

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 7.ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. A vida dos homens infames. **In**: O que é um autor? **Lisboa: Veja/Passagens, 1992.**

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

SCOTT, Joan. História das mulheres. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

### 2 PERIÓDICOS/ARTIGOS DE JORNAL

AS MULHERES dizem basta à violência. **Zero Hora**, Geral, Porto Alegre, p.30, 15 nov. 1981.

BLAY, Eva. A política e a política do movimento feminista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 mar. 2000.

FONSECA, Luis. O movimento feminista em Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.28, 16 mar. 1980.